

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO EM SERGIPE

*João Paulo Aparecido Barbosa Melo
Universidade Federal de Sergipe
joaopauloabm@hotmail.com*

*Gleidson Eugênio dos Santos
Universidade Federal de Sergipe
gleidsoneugenio@msn.com*

Eixo Temático: Formação de Professores de Matemática dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Resumo:

Este artigo tem como finalidade descrever o estágio acadêmico do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Sergipe, realizado em uma escola da rede estadual. O seu objetivo foi aprimorar os conhecimentos adquiridos durante a graduação, preparando-nos para a prática em sala de aula. O processo de estágio foi iniciado com observações de aulas ministradas pelo professor regente. Inicialmente, fez um estudo para um embasamento teórico utilizando autores como: Bromberg (2007), Libâneo (1994), Pimenta (2006), Pólya (1978) e para o desenvolvimento do estágio, foram aplicadas duas abordagens metodológicas: a resolução de problemas e recursos manipuláveis. Durante o estágio, pudemos perceber as dificuldades que circundam a prática da docência, tendo em vista que, mesmo estando preparados teoricamente, surgem vários imprevistos que podem levar ao fracasso da aula, porém o professor deve estar preparado para lidar com tais adversidades de forma a não atrapalhar o andamento natural da aula e o processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Estágio; ensino fundamental; aulas diferenciadas; recursos manipuláveis.

1. Introdução

No curso de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, há três disciplinas de Estágio Supervisionado de Matemática, sendo uma delas com ênfase nos anos finais do Ensino Fundamental. Este artigo relata sobre o estágio que foi realizado como requisito de avaliação na referida disciplina, durante o primeiro semestre letivo de 2015.

Eram vários alunos que foram distribuídos em duplas para cada uma delas realizarem seus respectivos estágios em turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em três escolas da rede estadual do estado de Sergipe no município de Aracaju. Neste caso, em específico, o

estágio foi realizado em uma turma do 9º ano, no turno matutino. Eram 29 alunos, sendo 17 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, a faixa etária deles variava entre 13 e 15 anos. Essa turma apresentava comportamento de alunos dispersos, sem manter atenção às explicações do professor nas aulas de Matemática.

Ao trabalhar com aprendizagem, deve-se ter muita cautela com o método a ser adotado para que se possam ter aulas com bom aproveitamento. O professor, no momento da escolha não deve levar em consideração somente o aluno com que possui mais afinidade, mas também o que mais se enquadra à realidade da sala de aula. Partindo desse princípio, segundo Libâneo (1994), o ensino deve: “Ter caráter científico e sistemático; Ser compreensível e possível de ser assimilado; Assegurar a relação conhecimento – prática; Garantir a solidez dos conhecimentos; Levar em consideração o trabalho coletivo e particularidades individuais”.

Com base nisso, escolhemos o método de elaboração conjunta, visto que, como se trata de uma turma dispersa seria necessário à prática de atividades em grupo. Pois, como foi observado por nós, estagiários, nas primeiras aulas, a minoria dos alunos prestava atenção e participava das aulas, enquanto que a maioria ficava muito dispersa fazendo outras coisas como: se conectar na internet, ouvir músicas, jogar com o celular, além de conversas paralelas.

Enfim, com todos esses problemas de atenção que a turma apresentava, fazia-se necessário mudar a abordagem das aulas para prender a atenção de todos os alunos para o conteúdo. As formas mais acessíveis e eficazes de metodologia que podíamos aplicar foram: modelagem matemática, materiais manipuláveis, jogos lúdicos e resolução de problemas, com as quais, o professor torna-se um orientador e através da experiência e conhecimento que possui, leva os alunos a se aproximarem gradativamente da organização lógica dos conhecimentos e a dominar métodos de elaboração de ideias para a resolução dos problemas propostos. Para que esses métodos sejam válidos se faz necessário que a elaboração dos problemas a serem trabalhados seja feita com bastante cuidado, a fim de que haja compreensão do aluno (POLYA, 1978).

Durante as aulas, houve a presença do professor regente que se manteve atento ao nosso comportamento e aos dos alunos. Como nossas práticas metodológicas eram diferentes das praticadas pelo professor regente, os conteúdos fluíam com mais naturalidade e compreensão por parte dos alunos. Tais conteúdos foram: Semelhança e congruência de

triângulos, introdução à estatística e análise de gráficos. Sendo assim, em nossa atuação, havia uma efetiva participação dos alunos durante a aula, pois passávamos a avaliá-los em cada aula que ministrávamos. As avaliações se davam por meio da resolução das atividades, ora resolvidas em sala, ora orientadas para serem resolvidas em casa.

Diante das situações citadas anteriormente, pudemos sentir na prática, a teoria behaviorista: ministramos aulas expositivas, usamos exemplos, proporcionamos oportunidades para as práticas, ministramos aulas com abordagem diferenciadas através das metodologias já mencionadas, o que permitiu que os alunos, em grupo, construíssem gradativamente os conteúdos abordados e recompensamos os alunos que fizeram as atividades com parte da pontuação da avaliação.

No âmbito da educação, o behaviorismo remete para uma alteração do comportamento dos elementos envolvidos no processo de aprendizagem, sendo que essa mudança nos professores e alunos poderia melhorar a aprendizagem. Para Watson (1971), a educação é um importante elemento capaz de transformar a conduta de indivíduos. A seguir, apresentaremos o desenvolvimento, iniciando com uma abordagem sobre aspectos teóricos voltados à formação do professor, seguindo de reflexões sobre nossa experiência.

2. Aspectos teóricos...

O estágio supervisionado é o momento em que o estudante consegue se aproximar da parte prática do curso no qual está estudando. No caso da regência, o aluno-professor busca aplicar algumas das teorias que foram aprendidas ao longo do curso. Segundo Pimenta (2006, p. 21): “Por estágio curricular entende-se as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho”.

Durante o contato com outra realidade extra universidade, o regente percebe que apenas a teoria não é necessária para que seus alunos aprendam. A percepção dessa problemática incentiva à busca de alternativas que possibilitem este aprendizado. Ao chegar à escola onde irá estagiar, o regente depara-se com poucos recursos, ou seja, o professor da escola utiliza apenas o livro didático e o segue fielmente. E quando o estagiário assume a regência, esse passa a preocupar-se em fazer um trabalho bem feito, sempre levando em conta a aprendizagem dos alunos. Para que seu trabalho saia em contento, o aluno-professor

necessita atrair a atenção dos estudantes locais. Daí a busca por outros recursos, sem, no entanto, ignorar a base fornecida nos livros didáticos.

Essa necessidade foi observada e praticada durante o período de regência, no qual se procurou trilhar o caminho mencionado por Bromberg (2007), que possui essa mesma visão: “O uso dos diversos materiais e recursos pedagógicos diferenciados, possibilita o desenvolvimento das capacidades intelectuais do aluno, da reflexão do comportamento crítico e de suas atitudes”. A partir disso, percebe-se que somente a utilização do livro didático, durante as aulas, não é suficiente para manter os alunos motivados e interessados em aprender o assunto que está sendo exposto.

Desse pressuposto, as aulas foram planejadas dando um enfoque especial à elaboração de atividades mais atrativas pelos estudantes da atualidade. Atividades essas, que se mostraram eficientes para a consolidação dos conteúdos abordados durante o período de regência. É importante ressaltar que nesse período regencial não somente as vozes dos estagiários foram ouvidas, mas também as dos alunos.

Foi com esta perspectiva de ouvir as ideias dos alunos, que preparamos nossas aulas, sempre com o intuito de propor desafios aos alunos para que buscassem as respostas em grupo ou individualmente, fazendo formulação de hipóteses. A nossa função como professor deixava, então, de ser um simples expositor de conteúdos, mas agora nos tornávamos professores orientadores, que tinham como missão estimular a criatividade dos alunos para a construção sistemática dos conteúdos.

“O professor deve colocar-se no lugar do aluno, perceber o ponto de vista deste, procurar compreender o que se passa em sua cabeça e fazer uma pergunta ou indicar um passo que poderia ter ocorrido ao próprio estudante.” (POLYA, 1978, p.1). Com base nesta afirmação, preparamos nossas aulas com as metodologias diferenciadas tais como: recursos manipuláveis, jogos lúdicos, resolução de problemas e modelagem matemática. Sempre tendo o cuidado de escolher corretamente os recursos a serem abordados de forma que o aluno possa, através deles, identificar os elementos que o conteúdo aborda de forma clara e instigante.

O trabalho de prática curricular deve ocorrer em uma perspectiva interacionista, ou seja, deve haver uma inter-relação entre alunos e professores. As dúvidas levantadas em sala, as discussões, sugestões e críticas construtivas dão à oportunidade para que os professores

possam melhorar a suas práticas pedagógicas cada vez mais e assim, favorecer o aprendizado de seus alunos.

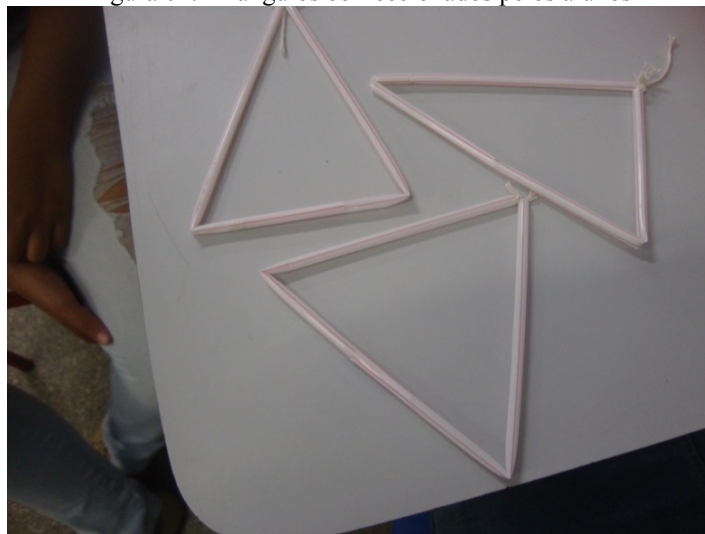
A seguir, daremos continuidade ao relato de experiência.

3. Principais experiências dos estagiários:

Na primeira aula, dia 25/08/15 iniciamos as atividades na turma do 9º B1.

Como era nossa primeira experiência, como professores regentes naquela turma, optamos por preparar um plano para revisar os pré-requisitos que dariam suporte ao conteúdo a ser abordado posteriormente. Sendo assim, em nossa primeira aula, com o título “Revisando as Classificações dos triângulos”, propomos, inicialmente, uma atividade em grupo para haver um maior envolvimento nosso com a turma e para trabalhar a união entre os alunos com o intuito de promover a troca de ideias entre os alunos, incentivando a criatividade dos mesmos.

Figura 01. Triângulos confeccionados pelos alunos



Fonte: registros dos autores (2015).

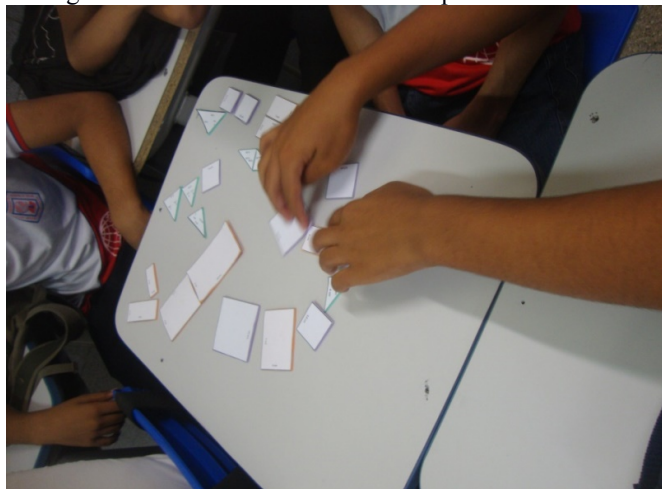
Essa atividade ”Construção dos triângulos com canudinhos e barbante”, foi bastante apreciada pelos alunos. Eles puderam manipular objetos e construir na prática o embasamento teórico que o conteúdo propusera.

Percebemos que, com o material manipulável, os alunos puderam experimentar e tentar fazer o que nós solicitávamos de maneira mais positiva. Notamos que, cada grupo tinha liberdade para escolher os tamanhos das medidas, assim, no final da aula, eles puderam

apresentar aos demais colegas da turma como a atividade foi desenvolvida. Nos relatos, puderam constatar que, mesmo com padrões de medidas diferentes, todos os grupos estavam corretos de acordo com o conteúdo apresentado.

Na aula seguinte, também utilizamos recursos manipuláveis, dessa vez, a atividade consistia em encontrar figuras geométricas semelhantes às apresentadas com material emborrachado. Mais uma vez, nossa atividade foi bem recebida pelos alunos que, além de despertar o interesse pelo conteúdo, a atividade foi um meio de diversão e entrosamento entre os discentes. Na mesma aula, também havíamos preparado um pequeno vídeo informativo para complementar a intertextualidade do conteúdo, porém, o Datashow da escola não funcionou. Isso não comprometeu o planejamento, visto que tínhamos preparado outras atividades, caso alguma coisa desse errado. Para a fase de planejamento, recebemos orientações da professora supervisora, que nossos planos de aula sempre tivesse atividades diferenciadas e que tivéssemos atenção aos possíveis imprevistos que podem ocorrer na execução de cada planejamento.

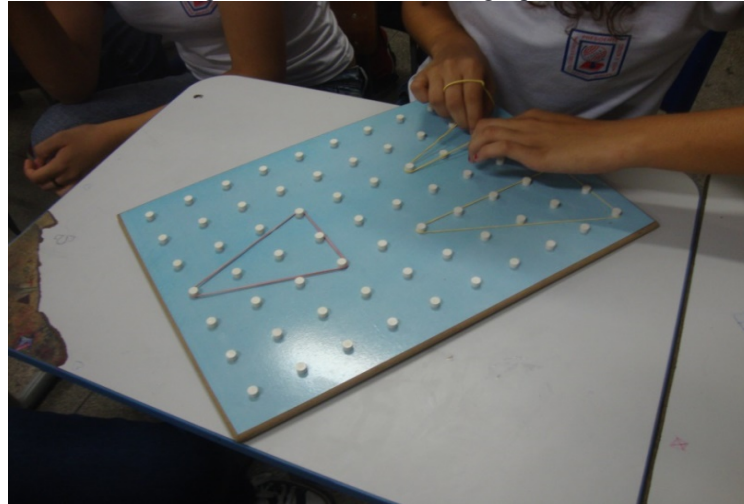
Figura 02. Alunos em atividade manipulando materiais



Fonte: registros dos autores (2015).

Na aula do dia 02/09/15, utilizamos como recurso o Geoplano para abordar o conteúdo: Teorema Fundamental de Semelhança de Triângulos. No início, os alunos ficaram um pouco assustados e sem saber o que fazer com aquele objeto. Contudo, na medida em que fomos explicando o conteúdo e quais procedimentos eles deveriam tomar, os discentes comentaram que, com o uso do Geoplano, ficava bem mais fácil de compreender o conteúdo que estava sendo apresentado. Além disso, eles puderam notar que o Teorema Fundamental de Semelhança de Triângulo se aplica a quaisquer triângulos, independente de tamanho desde que preservem as propriedades necessárias.

Figura 03. Atividade com o geoplano



Fonte: registros dos autores (2015).

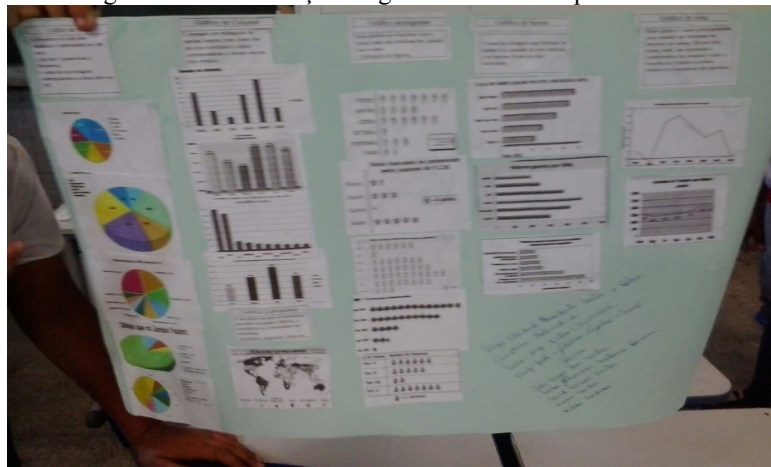
No dia 09/09/15, iniciamos a aula com uma leitura de um texto sobre a história da Estatística, o que gerou curiosidade por parte dos alunos que não faziam ideia sobre os campos em que a estatística atua.

Em seguida, continuamos a aula propondo um problema de Modelagem Matemática que necessitava da participação de todos os alunos da classe. O problema envolvia a aferição da estatura de cada aluno, que posteriormente teriam que organizar os dados coletados em uma tabela para, a partir dela, tirar as conclusões que o problema propunha.

Os alunos se envolveram muito com essa atividade, pois eles tiveram que produzir todo material necessário para a resolução do problema, desde a coleta dos dados até a formação da tabela e análise dos resultados obtidos. Sendo que, durante a atividade, nós estagiários, agimos apenas como orientadores e mediadores entre um grupo e outro.

A aula do dia 14/09/2015 foi relacionada aos tipos de gráficos. Com a turma dividida em grupos, distribuídos entre eles diversos recortes: tipos de gráficos e suas definições. Onde eles teriam que, entres os recortes, associar cada gráfico com a definição do mesmo.

Figura 04. Classificação de gráficos realizada pelos alunos



Fonte: registros dos autores (2015).

A atividade foi bem recebida pela turma, já que, eles tiveram que trabalhar em conjunto, um ajudando o outro, para chegar à resolução correta. Além de poder manipular os recursos, e observar diversos tipos de gráficos que abordava diferentes áreas, houve, também, uma prática interdisciplinar.

Em seguida, cada grupo foi à frente da turma e expos sua atividade, explicando o relacionamento dos gráficos escolhidos e as definições tomadas. Chegando a conclusão que há um determinado tipo de gráfico, para termos uma melhor interpretação de tal situação.

Na aula do dia 30/09/2015, começamos os estudos sobre medidas de tendência central ou medidas-resumo; nessa aula abordamos os conceitos de moda. Para isso, levamos um problema que consistia em saber qual o esporte mais preferido da turma. Essa atividade teve a participação de todos, pois fizeram uma pesquisa do tipo boca-a-boca na sala de aula, e cada um deu sua contribuição à pesquisa.

Através daí, com os dados obtidos, foi pedido que eles fizessem uma tabela de frequência absoluta, tanto para revisar o assunto de frequência absoluta, e também, para termos uma forma melhor de analisar os dados. Com isso, ficou fácil relacionarmos o significado da palavra moda em termos matemáticos, com o significado da mesma no cotidiano.

A aula do dia 21/10/2015, era nosso último contato como estagiários na turma; com isso, optamos por passar um jogo, tanto para revisar os últimos conteúdos abordados (medidas de tendência central), quanto, para encerramos nossa regência de uma forma dinâmica. O jogo em questão era “o jogo dos 3Ms” envolvendo *média*, *moda* e *mediana*, por isso os “3Ms”.

Figura 05. Aplicação do jogo dos 3Ms



Fonte: registros dos autores (2015).

Nessa aula, pudemos perceber que os alunos se propuseram a participar interativamente do jogo, já que essa metodologia não era utilizada pelo professor regente. Por se tratar de um jogo, e haver um campeão, os discentes se dedicavam ao máximo para conseguir chegar ao fim do jogo sem obter erro, eles se concentraram, dedicaram e conseguiram dar continuidade com êxito no que era pretendido.

Com isso, eles puderam fixar e sanar as dúvidas, relacionadas com os assuntos abordados. Sendo que, durante a atividade, nós alunos-professores, agimos apenas como orientadores e mediadores entre um grupo e outro.

4. Considerações finais:

Conclui-se que foi de grande importância termos participado do estágio, pois dessa forma, pudemos refletir e analisar as necessidades de cada aluno. Os objetivos do ensino da matemática no ensino fundamental, não são apenas a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos durante a formação no ensino primário, mas também, tem como objetivos a preparação para o ensino médio, para o exercício da cidadania, a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e a compreensão dos processos produtivos.

Nesse sentido, sabemos que não dá para conhecer a realidade da escola sem pôr os pés nela. Foi através do estágio que analisamos o seu conceito, o dia-a-dia de um professor em suas atividades, que o estabelecimento escolar é o mesmo em qualquer outro estabelecimento de ensino como: as cadeiras riscadas ou quebradas, o quadro totalmente riscado e danificado,

barulho, reprovações e principalmente o de ver como os alunos acertavam e de se esforçarem para gostar das aulas e da escola.

Segundo Pimenta (2006, p.21), “o estágio deve possibilitar a aquisição da prática profissional, especialmente o de dar aulas”. Se “a prática leva a perfeição”, então por que não “*experenciarmos*”? Temos de vivenciar em sala como mais um desafio que devemos vencer junto aos alunos.

Quanto ao material utilizado em sala é necessário inovar, mesmo quando o material tem muita qualidade, não se pode cair na monotonia, para que o professor desperte interesse do aluno, ele precisará se adequar a realidade do seu público, seu contexto social. Desse modo, o livro didático de matemática, como qualquer texto, deverá ser utilizado com o fim de desenvolver nos alunos os conhecimentos e habilidades necessários para compreender os conteúdos matemáticos necessários para viver exercendo adequadamente o seu papel de cidadão numa sociedade globalizada e contextualizada em que ele está inserido.

Ao refletir sobre a prática do estágio, o futuro professor entende qual papel deverá assumir na sociedade, enquanto mestre. O estagiário percebe, ainda, a necessidade em adaptar seus conhecimentos teóricos às situações socioculturais que estão inseridas no meio onde irá atuar.

Com isso, ocorre o entendimento de que não se pode separar a teoria da prática. Ambas necessitam andar juntas, pois mesmo que o estudante venha a adaptar o que aprendeu de teoria na universidade, sem esse aporte teórico ele não conseguiria conduzir as aulas. A autora Fávero (apud PIMENTA, 2007, p.69) tem a mesma visão, ela acredita que “teoria e prática são indissociáveis. A prática (...) é o ponto de partida e de chegada”.

Desse modo, a prática de estágio é importante se a ela for somada o suporte teórico, pois ela é um auxílio na compreensão e formação do professor.

5. Referências:

BROMBERG, M. C. O material didático e sua importância. 2007. Disponível em:
<<http://www.hiperatividade.com.br/article.php?sid=90>>. Acesso em: 04/11/2015, 09:52.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. (São Paulo: Cortez, 1994)

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores** – Unidade, teoria e prática. 4. ed.
Rio de Janeiro: Cortez, 2006.

PÓLYA, G. **A arte de resolver problemas**. Trad. Heitor Lisboa de Araújo. Rio de Janeiro:
Editora Interciência, 1978.

WATSON, J. B. O comportamentismo. In HERRNSTEIN, R. J. e BORING, E. G. **Textos
básicos de história da psicologia**. São Paulo: Herder e EDUSP, 1971.